



**DENISE PEREIRA
MARISTELA CARNEIRO
(ORGANIZADORAS)**

O BRASIL DIMENSIONADO PELA HISTÓRIA 2



**DENISE PEREIRA
MARISTELA CARNEIRO
(ORGANIZADORAS)**

O BRASIL DIMENSIONADO PELA HISTÓRIA 2

Atena
Editora

Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Karine de Lima

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

B823 O Brasil dimensionado pela história 2 [recurso eletrônico] / Organizadoras Denise Pereira, Maristela Carneiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2020. – (O Brasil Dimensionado pela História; v. 2)

Formato: PDF
 Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-85-7247-915-8
 DOI 10.22533/at.ed.158201501

1. Brasil – História. 2. Brasil – Fronteiras. I. Pereira, Denise. II. Carneiro, Maristela. III. Série.

CDD 981.65

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Um Brasil, muitos “Brasis”. A própria necessidade de descrever o plural entre aspas aponta para o obrigatório caráter de singularidade que vem com definições como país, nação e território nacional. Entretanto, há algo de profundamente idealista, simplificador e até mesmo pueril a respeito dessa singularização obrigatória. Países, a final, são químicas de muitos compostos e processos, raramente fáceis de delinear.

O Brasil, como qualquer outro país, é produto de conflitos, tensões e representações. Ao mesmo tempo uma imposição de condições circunstanciais e da assimilação de discursos internalizados, o Brasil existe na mente de seus habitantes como uma abstração, uma identidade coletiva, antes de se colocar como uma linha mais coerente de ideias encadeadas. Um recorte geográfico gigantesco. Uma economia complexa. Uma emblemática coleção de territórios, paisagens emocionais, panoramas urbanos. Uma frustrante cadeia de problemas políticos, sociais e ecológicos. Uma história. Múltiplas histórias.

Pois todos os fios das lutas e idiosincrasias que unem para constituir a trama deste país, um quadro complexo, variado e repleto de contradições, não podem ser compreendidos senão como produtos e signos dos contextos históricos em que nasceram. A história oferece um conjunto único de lentes, que nos permite detectar e apreciar os intrincados desenhos que compõem essa rica trama. A história permite dimensionar (e tensionar) diferentes “Brasis”, possibilitando outros olhares e enquadramentos, que complexificam as narrativas que contam e ressignificam o próprio conceito de Brasil.

Economia. Política. Arte. Religião. Educação. Campos de ação que fracionam a experiência humana em unidades compreensíveis e manuseáveis, produzindo especialidades e, mais importante, especificidades. Pela mirada da história podemos vislumbrar cada um destes recortes por intermédio das trajetórias descritas e geradas pelos mesmos, permitindo-nos melhor apreciar as facetas e dimensões deste país. Diferentes campos convergem para construir uma narrativa que auxilie na construção da identidade brasileira, a qual encontra na história um horizonte orientador para suas lutas e desafios. Aqui, a história se torna a pedra de toque para a leitura de diferentes problemáticas, que em última análise se propõem a medir os impactos das ações humanas no tempo e, também, construir um futuro mais humano e com mais acertos.

Diante deste olhar na História, esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira
Maristela Carneiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“O DIA EM QUE O CACIQUE” ENTOOU “UMA VOZ SOBERANA NO AR”: UM SAMBA DA VAI-VAI E DA NENÊ COMO LINGUAGEM DE PROTESTO EM TEMPOS SOMBRIOS	
Emerson Porto Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.1582015011	
CAPÍTULO 2	13
APONTAMENTOS HISTÓRICO-FILOSÓFICOS SOBRE AS ORIGENS E A DECADÊNCIA IDEOLÓGICA NAS CIÊNCIAS ECONÔMICAS	
Danne Vieira Silva	
DOI 10.22533/at.ed.1582015012	
CAPÍTULO 3	25
CEARENSES OU PIAUIENSES? REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADE NA VILA DE AMARRAÇÃO NO LITORAL DO PIAUÍ NO FINAL DO SÉCULO XIX	
Marcus Pierre de Carvalho Baptista	
Francisco de Assis de Sousa Nascimento	
Elisabeth Mary de Carvalho Baptista	
DOI 10.22533/at.ed.1582015013	
CAPÍTULO 4	37
CAMINHOS DA HISTÓRIA INDÍGENA: TEORIAS, METODOLOGIAS E PRÁTICAS	
Éder da Silva Novak	
Maria Simone Jacomini Novak	
DOI 10.22533/at.ed.1582015014	
CAPÍTULO 5	47
CENTRO DE MEMÓRIA E DE PESQUISA HISTÓRICA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS (1989-2009): 20 ANOS DE HISTÓRIA	
Marina Carolina Rezende Costa	
DOI 10.22533/at.ed.1582015015	
CAPÍTULO 6	58
JUSTIÇA ESTATAL E JUSTIÇA NEGOCIADA: FURTO DE GADO, AÇÃO PENAL E JUSTIÇA NÃO ESTATAL NO BRASIL (1860- 1899)	
Lucas Ribeiro Garro Lourenço	
DOI 10.22533/at.ed.1582015016	
CAPÍTULO 7	70
INTERFACE ENTRE FOUCAULT E BUTLER: CAMINHOS PARA SE PENSAR OS CORPOS, SEXUALIDADES/GÊNEROS, PRÁTICAS DE SI, E RESISTÊNCIAS	
João Marcelo de Oliveira Cezar	
DOI 10.22533/at.ed.1582015017	
CAPÍTULO 8	80
MARANHÃO, A ÚLTIMA CRUZADA ENCANTARIA SEBASTIÂNICA E ESCRITOS CAVALEIRESCOS MEDIEVAIS	
Marcus Baccega	

DOI 10.22533/at.ed.1582015018

CAPÍTULO 9 95

HISTÓRIA PÚBLICA E PATRIMÔNIO EM PAULO FRONTIN - PR

[Welerson Fernando Giovanoni](#)

[Michel Kobelinski](#)

DOI 10.22533/at.ed.1582015019

CAPÍTULO 10 110

O POBRE: AS REPRESENTAÇÕES DA POBREZA NA IMPRENSA DE JUIZ DE FORA EM FINS DO SÉCULO XIX

[Iolanda Chaves Ferreira de Oliveira](#)

DOI 10.22533/at.ed.15820150110

CAPÍTULO 11 119

OS FRANCISCANOS E OS GENTIOS NO BRASIL COLONIAL – A SERVIÇO DA FÉ E DA COROA

[Peter Johann Mainka](#)

DOI 10.22533/at.ed.15820150111

CAPÍTULO 12 148

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL “POR DENTRO DA HISTÓRIA”: UM GUIA PARA A METODOLOGIA?

[Francilene Ramos Lourenço Soares](#)

DOI 10.22533/at.ed.15820150112

CAPÍTULO 13 157

A PRODUÇÃO FÍLMICA “ARAGUAIA: CAMPO SAGRADO” E A INTERPRETAÇÃO DE SUA NARRATIVA

[Marcondes da Silveira Figueiredo Júnior](#)

DOI 10.22533/at.ed.15820150113

CAPÍTULO 14 176

O PENSAMENTO ANARQUISTA NA IMPRENSA ANARQUISTA DURANTE AS CRISES DA DEMOCRACIA NO BRASIL

[Pedro Rachid de Paula Reino](#)

DOI 10.22533/at.ed.15820150114

CAPÍTULO 15 187

UMA BREVE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO LULISMO (2003-2010)

[Nathan dos Santos Alves](#)

DOI 10.22533/at.ed.15820150115

CAPÍTULO 16 198

A EDUCAÇÃO NO BRASIL E OS PACTOS DA BRANQUITUDE

[Adelina Malvina Barbosa Nunes](#)

[Margareth Diniz](#)

DOI 10.22533/at.ed.15820150116

CAPÍTULO 17	208
O ENSINO DA HISTÓRIA, ENTRE A PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA E A CULTURA ESCOLAR	
Antonio Carlos Figueiredo Costa	
DOI 10.22533/at.ed.15820150117	
CAPÍTULO 18	217
O TRAÇADO DA GUERRA: A CARICATURA COMO ARMA NA GUERRA DO PARAGUAI (1864 – 1870)	
Theo de Castro e Carneiro	
DOI 10.22533/at.ed.15820150118	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	229
ÍNDICE REMISSIVO	230

“O DIA EM QUE O CACIQUE” ENTOOU “UMA VOZ SOBERANA NO AR”: UM SAMBA DA VAI-VAI E DA NENÊ COMO LINGUAGEM DE PROTESTO EM TEMPOS SOMBRIOS

Data de aceite: 05/12/2019

Emerson Porto Ferreira

UNESP/ASSIS – Doutorando em História.

RESUMO: O presente artigo tem como foco mostrar como o samba enredo possui valores e recursos diversos dentro da narrativa da história a qual estamos inseridos, como um documento do cotidiano que por meio da música, exprime ações de tempos passados. Assim, o samba enredo possui um valor rico para a dimensão simbólica e imaginativa como recurso em sala de aula, em uma linguagem distinta do livro didático alcançando uma dimensão estética diferenciada. Dessa maneira analisaremos dois sambas de duas escolas de samba paulistas: o samba de 1985 da Nenê de Vila Matilde, intitulado O dia em que o cacique rodou a baiana ai ó!, em que aborda a desigualdade social brasileira no período da década de 80 e o caso do cacique Juruna; e o samba da Vai-Vai, de 2000, Vai-Vai Brasil, em que conta a história do Brasil pós ditadura civil militar, com seus personagens e acontecimentos. Tais sambas em suas letras abordam com um olhar e uma linguagem crítica a História brasileira, e transformam a situação histórica vigente em uma sátira carnalizada do Brasil Contemporâneo. Além disso, esse

artigo ver o samba enredo como um produtor de um conhecimento e de uma narrativa criada pelas escolas de samba para comunicar com o público os seus enredos, sendo uma linguagem peculiar e interessante de enxergar o passado, que complementa os aspectos visuais que um desfile de escola de samba compõe, possuindo valor dentro do campo dos estudos históricos e em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: samba enredo, ensino de história, escola de samba, carnaval.

“O DIA EM QUE O CACIQUE” SOUND “UMA VOZ SOBERANA NO AR”: A SAMBA OF VAI-VAI AND NENÊ AS A DARK PROTEST LANGUAGE.

ABSTRACT: This article focuses on showing how samba enredo has different values and resources within the narrative of the story to which we are inserted, as a document of daily life that through music expresses actions of past times. The samba enredo has a rich value for the symbolic and imaginative dimension as a resource in the classroom, in a language distinct from the textbook discourse, reaching a differentiated aesthetic dimension. In this way we will analyze two sambas from two samba schools in São Paulo: Nenê de Vila Matilde 1985 samba, entitled O dia em que o cacique rodou a baiana, ai ó! the case of chief Juruna; and the Vai-Vai samba of 2000, Vai-Vai Brasil,

which tells the story of Brazil after the military civil dictatorship, with its characters and events. Such sambas in their lyrics approach the history of Brazil with a critical eye and language, and transform the current historical situation into a carnivalized satire of contemporary Brazil. Furthermore, this article sees samba enredo as a producer of knowledge and narrative created by samba schools to communicate their plots to the public, being a peculiar and interesting language to see the past, which complements the visual aspects that a samba school parade composes, possessing value within the field of historical studies and in the classroom

KEYWORDS: samba enredo, history teaching, samba school, carnival.

QUANDO O CACIQUE ENCONTRA UMA VOZ SOBERANA, NO NOSSO PRESENTE

No programa do Jô de 1992, o então membro da FUNAI, o Cacique Juruna, o primeiro parlamentar indígena eleito para o cargo de deputado federal, no ano de 1982, pelo PDT, levava para sua entrevista uma onça empalhada que havia sido caçada por criminosos em uma aldeia, no Mato Grosso. Por mais estranho que possa parecer, tal ato era uma medida de protesto uma vez que, para Juruna, infelizmente a onça em nosso ecossistema já era algo incomum de ser visto com vida, e que, portanto levou a onça morta pelos caçadores.

O convite de Juruna ao programa era um meio de coloca-lo em uma enrascada, uma vez que dentro das atividades da ECO-92, a primeira reunião sobre o clima realizada pela Organização das Nações Unidas (ONU), no Rio de Janeiro, almejava procurar estratégias para driblar a já preocupante realidade climática. Na entrada da ECO-92, Juruna colocou pendurada a tal da onça empalhada, gerando uma onda de fúria em ambientalistas, que o acusaram de ser um caçador, e assim Juruna responde: talvez os ambientalistas se preocupem mais com o clima, mesmo em um mundo capitalista, em que o progresso mata e destrói, e se preocupe menos com quem de fato gera preservação, o povo indígena, que dentro do mundo capitalista é visto como um problema do progresso, sendo a justificativa para sua morte, seu extermínio e a narrativa de atraso civilizacional.

Já no ano de 2000, vivia-se a esperança de um novo milênio que se projetava como uma nova perspectiva política e econômica ao país. Depois de uma década de 90 conturbada em que quatro presidentes governaram: um sem votação popular (José Sarney – PMDB); um presidente, que embora eleito pelo voto popular, sofreu processo de impeachment (Fernando Collor de Melo – PRN); seu sucessor que prometia reorganizar a “casa” (Itamar Franco – PSDB); o sucessor de Itamar, conhecido como o pai do Plano Real, que projetou sua reeleição (Fernando Henrique Cardoso (FHC) – PSDB), davam indícios que as coisas no novo milênio precisavam ser diferentes.

Mas o ano 2000 foi palco de ações contrárias: como o caso do então juiz do TRF, Nicolau dos Santos Neto, o Lalau, que foi preso devido as irregularidades fiscais da construção do fórum de São Paulo; a privatização mais cara do governo FHC, com

a compra do Banespa pelo Santander, em “281,02% sobre o preço mínimo de R\$ 1,85 bilhão fixado pelo BC (Banco Central)” (FOLHA ONLINE, 2000); além da medida mais controversa, que foi a criação da Lei de Responsabilidade Fiscal, que surgia para tentar conter os gastos da máquina pública, sendo assim, uma tentativa de um combate à corrupção, o que na verdade congelou gastos em ações de seguridade social, e culpabilizou os municípios e estados, pelas cifras exorbitantes do governo; além é claro, da ascensão do Partido dos Trabalhadores (PT), que obteve vitórias expressivas nas eleições municipais, em que venceu em 13 das 16 cidades que disputou o segundo turno, além de ter obtido as cadeiras do municípios de grande votação como a cidade de São Paulo, Recife e Porto Alegre.

No âmbito do carnaval, o ano de 1985 era marcado pelo fim da ditadura, um mês antes do carnaval daquele ano, o que deu as agremiações no geral um grito de liberdade dentro de anos de certo malabarismo em não abordar temas polêmicos. Porém, naquele ano a Nenê, então nove vezes campeã do carnaval tomou como enredo o protagonismo do cacique Juruna. Além disso, a Nenê colocava em discussão a inflação, a importância dos movimentos sociais dentro do Brasil como agentes de disputa política e a reivindicação do cacique Juruna pela ideia de reforma agrária e demarcação de terras indígenas.

Já no ano de 2000, o carnaval de São Paulo foi palco de um ano comemorativo, em que as 14 agremiações do grupo especial, em uma ordem cronológica, em dois dias de apresentação iriam contar a história do Brasil. Coube a então bicampeã Vai-Vai, a mais antiga entidade carnavalesca da cidade, na época com 70 anos, retratar o período de redemocratização até, a então, atualidade. Porém, o enredo se apresentou em um tom ácido que colocou Sarney como um louco cruzado, Collor de Melo como o presidente “collorido” e diferente. Itamar Franco foi representado como um topetudo mineiro e o governo FHC como (im)possibilidade de mudança. Além de destacar o movimento de oposição da esquerda e o surgimento de partidos de tal linha. Outro ponto do enredo eram os deboches a Lalau, as privatizações, a corrupção do período e ao “sepultamento” do governo militar.

Ambos os desfiles foram campeões: a Nenê em 1985, quebrando um jejum de 14 anos sem conquistas, o que lhe rendeu o convite de desfilar no desfile das campeãs no Rio de Janeiro. Já para a Vai-Vai, o desfile de 2000 foi o seu tricampeonato, dividindo o título com a X-9 Paulistana, igualando o número de títulos da Nenê, dez no total.

Mas o tal artigo tem como ponto principal o de mostrar como que o samba enredo, em sua musicalidade, sua letra e enquanto representação da identidade de uma escola de samba, pode ser um meio de interpretarmos as visualidades que cada agremiação e sua comunidade faziam do período histórico vigente, em uma história pública ou do cotidiano de seu tempo presente. Mais do que isso, como que a crítica pelo deboche e o riso carnavalesco, sempre foi um meio de as escolas de samba expressar aquilo que para elas é essencial, e acima de tudo, do que elas têm a dizer em um momento em que são as protagonistas do Brasil, em um espaço feito pelo povo para o povo, e

com o objetivo único de satirizar a ordem cotidiana.

Desta forma, iremos abordar a importância do samba enredo na composição identitária de uma escola de samba e como que isso compõe a ideia de cultura escolar da escola de samba e do possível papel educativo que possui. Logo em seguida, analisaremos como o carnaval em sua estrutura nasceu para ser um deboche, e de como tais samba enredos escolhidos refletem em sua linguagem e em outros meios artísticos sua visualidade crítica do momento histórico presente.

O SAMBA ENREDO DENTRO NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE UMA ESCOLA DE SAMBA

O poder que os símbolos musicais despertam são os mais diversos. Para Maria de Lourdes Sekeff (2007, p. 18), o poder simbólico da música nos possibilita “pensar espaços ausentes, retomar tempos passados e planejar o futuro”, criando uma linguagem poética por meio do ritmo e letra. Esses símbolos se aproximam do imaginativo, a partir do momento que o samba cria uma paisagem imaginada de assuntos tratados dentro de cada letra, em que o discurso narrativo de cada enredo “expressa sempre mais do que dizem os sons” (SEKEFF, 2007, p. 19). Daí a ideia de ver o samba como um método, uma fonte musicalizada: uma fonte do conhecimento popular que se torna “uma ferramenta que lhe propicia o exercício da espontaneidade, do desenvolvimento e da formação dos vínculos sociais” (SEKEFF, 2007, p. 19).

Seria uma experiência estética diferenciada da historiografia escolar, um recurso importante que lança luz à produção dessas escolas de samba sobre nosso passado, nossa sociedade e nosso relacionamento com nossa memória. “Ao mudar a estrutura da atividade e inserir a música como objeto e fim do conhecimento, os alunos despertam para a necessidade de produção de um novo conhecimento sobre as músicas, um conhecimento histórico” (NEIVA, 2010, p. 93), fazendo uma nova mediação do que ocorre no ensino de história.

Talvez o produto mais original de cada escola de samba seja o samba enredo. Analisando sua narrativa, percebemos que, por mais que possua uma estrutura comum, ele apresenta singularidades de década a década, de escola para escola, e de cada discurso, que, no seu individual, possui valores dos mais diversos. A estrutura do samba enredo nos possibilita analisar as nuances discursivas que todas as obras apresentam, como um documento, uma fonte que deve sempre ser vista dentro de seu campo de ação, no seu feitiço, e não inserida em um campo puramente estrutural, pois, “o que ela revelar é o nível singular em que a história pode dar lugar a tipos definidos de discurso que tem, eles próprios, seu tipo de historicidade e que estão relacionados” (FOUCAULT, 2008, p. 186).

Tinhorão (2017) aponta que os indivíduos compõem quadros de criatividade de acordo com sua práxis, o que, de certa forma, aponta para visões e experimentações diferentes dentro de uma mesma sociedade, como ilhas de cultura. De certa maneira,

estamos falando de uma História Pública que essas comunidades desenvolvem sobre o passado, em que a “práxis constitui, no fundo, o emprego dinâmico de uma série de informações” (TINHORÃO, 2017, p. 11), formando experiências estéticas diferentes da história em cada escola de samba, em uma “realidade cultural estando, tão estreitamente ligada à realidade política a qual, em última análise, se reflete e inter-relaciona com a realidade econômica” (TINHORÃO, 2017, p. 13).

O samba enredo, enquanto gênero musical se diferencia dos demais estilos existentes. Aquino e Luis Sergio Dias (2009, p. 01) comentam que os sambas “possuem, como as próprias escolas de samba, uma história que se enriquece a cada ano”. Mais do que isso, o samba enredo faz parte de um dos quesitos dentro de uma competição, com certas regras para sua construção e julgamento, onde sua melodia e frases musicais devem estar de acordo com a letra do samba, esta que deve seguir a proposta do enredo. Por isso mesmo, os sambas enredo refletem e muito o que as agremiações pensam e defendem sobre determinado assunto, como um extrato do tempo histórico e da sociedade.

Assim, entendemos que o samba seja importante para compreender como se constitui a identidade de uma escola de samba. Pensar a ideia de cultura é, antes de tudo, pensar cada sociedade, grupo ou, até mesmo, cada instituição, que possui, em sua caracterização, aspectos em comum que os definem e os constroem. Como Peter Burke (2012, p. 257) exemplifica, nenhuma cultura se constrói isolada ao que acontece ao seu redor, devemos “empregar o modelo de encontro para estudar a história de nossa própria cultura, ou culturas que devemos considerar variadas em vez de homogêneas, múltiplas em vez de singulares”, então, a formação de identidades culturais não acontece dentro de uma bolha.

Desse modo, o estudo da cultura recai nas interações entre diferentes culturas, inclusive aquelas de uma cultura aparentemente homogênea. “Cada grupo se define em contraste com os outros, mas cria o seu próprio estilo cultural pela apropriação de itens dos acervos comuns juntando-os em um sistema com um novo sentido” (BURKE, 2012, p. 259).

Por isso, o papel do historiador é revelar e mensurar como tais culturas se constroem e se desenvolvem em suas particularidades, e sendo assim, passaremos a entender como cada escola interpreta esse passado recente do Brasil.

O DEBOCHE CARNAVALESCO: O SAMBA DA NENÊ E DA VAI-VAI, EM TEMPOS SOMBRIOS

As festividades carnavalescas, seja nos blocos, nos salões ou nas escolas de samba, representam muito mais do que uma simples festa da comicidade, do riso ou até mesmo da inversão. O carnaval é uma festividade que conta outro tempo, outra possibilidade de ver a história, a partir de uma visão às vezes utópica, mas que nos projeta para outras sensações, para um estado de aprendizado de forma didática,

pelas alegorias, pelas danças e, principalmente, pelo samba enredo. O carnaval é, antes de tudo, uma festa didática, mas que não perde o lado do deboche, do cômico.

O carnaval é um organismo vivo dentro de cada cidade em que se desenvolve. No caso das escolas de samba, cada agremiação constrói uma identidade e escrita que lhe é própria, com resistências, sedimentações. É neste sentido que se pode afirmar que o carnaval é uma grande festa, em que o povo constrói sua própria visão da história e de si mesmo.

Roberto Da Matta (1997) nos coloca outra perspectiva do que é o carnaval, como um ritual do imaginado, do surreal ou do simbólico, que se origina dentro de uma reflexão do momento histórico que está inserido, o que explica as máscaras de carnaval, as marchinhas e os sambas enredos, na maioria das vezes evidenciando aquilo que cada grupo social vive no seu tempo presente. Acima de tudo, o carnaval é uma dramatização cômica do cotidiano, de um mundo real e oficial, é o algo natural (o que se encontra no dia a dia) em algo social (que se concretiza na representação), é essa lógica transformadora, aliada a diversos signos, musicalidades e simbolismos que formam o riso cômico e o deboche carnavalesco, que possibilita tratar de assuntos delicados e sérios, de uma forma leve e descontraída sem perder o tom satírico e de denúncia.

O desfile de escola de samba assim seria a “elevação de um dado infra estrutural a coisa social, é o que chamamos de ritual, cerimonial, festividade, etc.” (DAMATTA, 1997, pág. 35). Seria a ideia de repensar por meio de um enredo como mostrar o real de outra maneira, que se possibilite tornar carnavalizado o assunto, porém, com sentido de mensagem. É repensar o cotidiano e até a própria história através do carnaval, e assim tornar uma festa em tese da balburdia, em um espaço de riso, criatividade e denuncia.

Nesse ponto encontramos uma visão do carnaval que é a de ir além de uma simples festa e completando com Da Matta (1997), “são um modo de dialogar com as estruturas de relações sociais vigentes na realidade brasileira. É nisso que reside provavelmente sua autenticidade e permanência” (DAMATTA, 1997, pág. 127/128). É que nos faz chegar assim a formação da Nenê e da Vai-Vai.

A Nenê de Vila Matilde é uma escola de samba fundada em 1949, na região entre a Vila Esperança e Vila Matilde. A escola surgiu após a tradição das constantes rodas de tiririca, espécie de capoeira, onde, liderados por Alberto Alves da Silva, o Seu Nenê, iria ano após ano consolidar a marca da escola azul e branca da Zona Leste. A Nenê surge como escola de samba, e não como bloco ou cordão, o que faz a escola apresentar elementos que outras agremiações não tinham como baianas, alegorias, uma ordem dentro do enredo, o samba enredo e uma bateria quase profissional.

A Vai-Vai surgiu no dia um de janeiro de 1930 (inclusive tanto Nenê como Vai-Vai, nasceram na mesma data) como um cordão, seu nome sugestivo foi em alusão, ao fato que os seus integrantes eram assíduos penetras do cordão do Cai-Cai, que se apresentava em bailes e também um time de futebol. A Vai- Vai pode ser considerada

o mais antigo grupo carnavalesco da cidade de São Paulo, com 89 anos de existência ininterrupta.

O que marca a identidade de ambas as escolas é o discurso e a afirmação da negritude, como um fator preponderante de ambas as identidades. Podemos dizer que tanto a Nenê como a Vai-Vai, reconfiguraram a ideia do espaço urbano: a Nenê pelo simples fato de colocar um corpo negro, periférico da cidade em deslocamento em seus desfiles; e a Vai-Vai, de uma comunidade que mesmo sofrendo com o racismo endêmico da cidade de São Paulo nunca deixou de debochar da ordem, o que faz dela um reduto do samba brasileiro.

Como José Geraldo Vinci de Moraes (1997) define “ao hierarquizar seu espaço urbano e social, a cidade estabeleceu uma classificação e distinção física e social entre aqueles que poderiam usufruir e desfrutar das comodidades da vida urbana” (MORAES, 1997, pág. 44), e aqui pensando na lógica de rito e de carnavalização, o espaço da folia foi e ainda é um meio dessas comunidades escreverem outra retórica do cotidiano, e que explica o tom de deboche, de representação positiva do negro e acima de tudo, de questionar os variados aspectos que permeiam a sociedade brasileira.

O dia que o cacique... Rodou a baiana

Vai, Nenê/ Embalando a alegria/ E no canto da águia guerreira/ Toda altaneira/ Cai na folia/ Quando o Cacique rodou a baiana/ O Juruna vestiu a camisa, gravata e paletó/ Mas o branco soberano/ Só explorando/ Até que o índio disse ó/ Ó Ó Ó/ Até que o índio disse ó/ Macobeba/ No rádio e televisão/ Destrói a arte/ E a imaginação// **Negro também quer/ Poder falar alto/ Rodar a baiana/ Chegar no planalto**// Hoje, para orgulho de nossa nação/ Negros e brancos/ E índios são irmãos/ Reivindicando seus direitos/ Se unindo em mutirão!// **Oh! meu senhor.../ Devolva minhas terras/ Por favor// Nosso canto e dança/ Desponta nossa alegria/ Driblando a inflação/ É o nosso dia-a-dia**// Compositores (Ala Jovem/ Paulinho da Matilde).

Mario Juruna, da etnia Xavante foi o primeiro deputado federal indígena, oriundo da aldeia Namunjurá, no Mato Grosso, onde já atuava na busca de apoio e representatividade de sua etnia, sendo inclusive convidado a ser a liderança indígena a ser o delegado de seus iguais, no IV Tribunal Bertrand Russel em Roterdã, na Holanda (CPDOC, s/d).

O ponto mais representativo de sua carreira, e de certa maneira, do movimento indígena na década de 80, foi a sua eleição ao congresso, sendo eleito representante pelo Estado do Rio de Janeiro, a convite do então presidente do PDT (Partido Democrático do Trabalhadores), Leonel Brizola, e com a intenção de construir novas lideranças progressistas, no atual momento de reconstrução política.

Mas foi a primeira fala de Juruna no congresso, que ficou sendo um emblema de sua passagem como deputado. Anteriormente em suas reivindicações já apontava que o presidente da república, o militar Figueiredo, em pouco se interessava com o

direito indígena, assim como, a FUNAI em momento algum de sua existência estava interessada em defender o indígena. Desta forma, no dia 19 de abril de 1983, no dia do índio, em seu discurso ataca não só a política como o próprio presidente, em que “pedia a demissão de todo o ministério do governo do general João Batista Figueiredo, a quem considerava “bom, mas mal assessorado”. Sugeriu também o retorno dos militares aos quartéis e afirmava a necessidade de a FUNAI ser administrada por índios, e não por militares” (CPDOC, s/d).

Em um trecho de sua fala dizia que “não vim aqui fuxicar com ninguém, eu vim aqui para trabalhar, para defender o povo, eu vim aqui para lutar” (JURUNA, Discurso no Congresso Nacional, 19/04/1983). Além de ser deputado, participou também de outras pautas e reivindicação, como um documento aberto pedindo a inconstitucionalidade “o decreto que submetia a demarcação de suas terras — antes atribuição da Funai — à autorização de um grupo formado por representantes do INCRA e dos governos estaduais” (CPDOC, s/d). Juruna foi deputado até 1987, quando não conseguiu a reeleição, muito em função do nulo apoio de seu partido. Integrou o Projeto Rondon logo em seguida, e foi assessor da FUNAI até 1994, morrendo em 2004.

E foi assim, que em 1985, a Nenê de Vila Matilde realizaria um desfile histórico exatamente por tratar de um assunto que ninguém esperava. O enredo da Nenê vinha de um rompimento de uma linha de raciocínio baseada em temas da negritude (entre 1980 à 1982, e 1984 se abordou o negro) e em 1985 decidiu arriscar um tema de crítica política e de maneira direta ao ponto. Se “deixa de lado os enredos tradicionais e mostra na avenida um enredo satírico, um misto de sátira política com a defesa da igualdade entre as raças” (FOLHA, 1985). Além disso, a proposta era a de mostrar uma liderança indígena e revelar a importância de Juruna para a luta social e da nossa história.

Desta forma a letra composta pela ala jovem da escola e pelo compositor tradicional da agremiação Paulinho da Matilde, retrata em seu samba um tom jocoso e debochado da realidade brasileira, mas que não conseguia ver no futuro grandes mudanças, o que faz do samba, um reflexo do que estava se vivendo em sociedade naquele período, o tempo presente.

O samba possui várias passagens preciosas, como a iniciativa de Juruna em assumir um cargo ao qual possuiria importância vital na luta indígena “*Quando o Cacique rodou a baiana/ O Juruna vestiu a camisa, gravata e paletó*”. Outra parte genial é a menção a Macobeba, personagem vilão da obra *Manuscrito Holandês*, de Cavalcanti Proença, livro este, que narra a história de Mitarai, indígena que tentava acabar com Macobeba destruidor de tudo que havia. E aqui temos uma metáfora a Juruna e o homem branco e o que ele representa, que “*Destrói a arte/ E a imaginação*”, e uma alusão a própria mídia, que no rádio e televisão representam os interesses de uma classe empresarial e industrial.

Outros trechos mostram a busca de igualdade racial que a Nenê sempre pregou em seus sambas: a reivindicação de também existir uma maior representação negra na

política, no trecho “*Negro também quer/ Poder falar alto*” e assim “*chegar no planalto*”; na passagem de “*Devolva minhas terras/ Por favor*” em clara menção a política de Juruna de demarcação de terras indígenas e a sua efetiva realização. E ao fim o reflexo de uma sociedade que passava o seu cotidiano “*Driblando a inflação*” e no trecho mais carnavalizado, já que promove um deboche dessa situação, onde o povo não perde o canto e a alegria no dia a dia.

Assim tal obra é um documento do tempo de ação no momento presente do desfile, que mostra a saída do regime militar, e a esperança de ter um presidente, que mesmo não sendo eleito pelo povo “*Se unindo em mutirão*”, era o símbolo de um lampejo de mudança, o que não ocorreu, e indica Juruna como a representação de um país que poderia mudar e alcançar de fato uma representação popular, mesmo em um hipotético e ainda vigente regime militar. O que nos dá a perspectiva de como tal samba pode ser um instrumento de apoio didatizado ao período da transição da ditadura para a república, em uma crônica do momento.

Uma voz soberana no ar

//Eu sou Bixiga, sou amor, amor/ Fazendo o samba amanhecer/ A saracura é a razão do meu viver// Avante, meu Brasil/ Pátria amada idolatrada mãe gentil/ Uma voz soberana ecoa no ar/ É o povo na rua querendo votar/ Diretas Já/ A democracia é luz de uma nação/ Nasceu o cruzado no país congelado/ Ilusão// **Eu elegi o presidente/ Collorido e diferente, me dei mal/ Com garra e emoção pinteí toda nação/ Aí eu cai no Real//** Brilhou no céu a esperança/ Nessa terra tropical/ 500 anos de progresso/ Sem justiça social/ Hoje nos braços desta poesia/ Um sonho de cidadania/ Vem do coração/ Vai acelera companheiro/ E mostra para o mundo inteiro/ O orgulho de ser brasileiro/ Vai-Vai pra ser feliz não tem idade/ A velha guarda é a verdade 70 anos de felicidade. Compositores (Zeca do Cavaco/ Zé Carlinhos/ Nei Denay).

Em oposto ao samba da Nenê, a proposta da Vai-Vai era de abordar o que aconteceu no Brasil entre 1985 até o ano 2000. O carnaval desse ano foi marcado pela obrigatoriedade de enredos sobre a história do Brasil, em homenagem aos 500 anos do “descobrimento”. Coube a Vai-Vai, última escola daquele ano a desfila, a abordar o período da chamada redemocratização.

Coincidentemente, o samba da Vai-Vai complementa o que o samba da Nenê canta, uma vez que aborda os 15 anos depois do que estava ocorrendo, e do que aconteceu após a redemocratização. Assim, para contar a nova república, o desfile foi dividido em quatro pontos principais: o renascimento da democracia, a partir das “Diretas Já!”; a era dos cruzados, no país congelado; na sequência, a cascata da Dinda – a era *collorida*; e por fim o tempo de esperança. Na sinopse do enredo, o enredista Flávio Tavares (2000) coloca que “nós vivemos as trevas, nós vivemos o caos, mas com ele aprendemos e dele tiramos as lições que necessitávamos para evoluirmos e caminharmos com a firmeza de um povo que muito sofreu, mas que nunca se curvou” (TAVARES, 2000, s/p). Essa visão de uma nova sociedade que não se calou é uma

alusão a saída do regime militar, que no desfile é visto como um morcego, e aponta “*Uma voz soberana que ecoa no ar/ É o povo na rua querendo votar*”, e que indica o primeiro ponto de anseio popular, que após anos de silenciamento do voto, e de outros partidos que viviam na ilegalidade.

Assim o samba e a escola vêm a democracia como algo vital para o funcionamento de uma sociedade igualitária, como que se a representação popular fosse uma luz para afastar de vez as trevas da ditadura. Na segunda parte da cabeça do samba, temos assim a consequência direta do pós- ditadura que é a eleição e morte de Tancredo Neves, e a ascensão de José Sarney, que é retratado como um cavaleiro das cruzadas, apoiado pelas suas “fiscais” montadas em carrinhos de supermercado. Mas algo que o desfile e a sinopse pontuam muito bem é a presença da Constituição de 1988, a constituição cidadã, que para a escola era a garantia de direitos individuais e coletivos, os sindicatos são livres e soberanos. “O preconceito racial agora é crime. Novos e modernos direitos trabalhistas nos foram assegurados. Era o sonho de um novo tempo que ser realizava” (TAVARES, 2000, s/p). Talvez a falha do samba é a de não mencionar a constituição de forma direta, que fica somente de forma vaga no ar.

Já o primeiro presidente eleito pelo voto popular pós-ditadura é descrito como sendo “um mauricinho, um esportista, era o “Indiana Jones Tupiniquim”, e era um caçador de marajás” (TAVARES, 2000, s/p), e que o samba e os compositores bem chamam de collorido e diferente, e mostrava a antítese que a sociedade vivia, entre escolher um moço afeiçoado, “boa pinta”, ou um ex metalúrgico, com jeito “rude”, e ainda, de esquerda. A eleição de Collor de Melo, com o tempo, mostrava o seu despreparo que ficou marcado ainda mais no seu plano econômico baseado no “confisco monetário, congelamento temporário de preços e salários” (TAVARES, 2000, s/p). E a consequência posterior de escândalos de corrupção e dos altos gastos na sua casa em Brasília, marcada no escândalo da Cascata da Dinda e vários casos de corrupção fizeram o povo *Com garra e emoção pintar toda a nação*, em alusão ao movimento dos Caras Pintadas.

E assim *Caí no real*, que é um duplo sentido ao acordar da escolha errada, optando pelo novo, aparentemente certo com um discurso de acabar *com isso que tá aí* (qualquer semelhança com o hoje é uma coincidência!) do então impeachmado Collor, e uma alusão ao plano real. O então novo presidente é ironizado como o Topetudo Mineiro, que almejava a volta do fusca, satirizada pela ala de cadeirantes da escola. Já FHC é colocado como um político que nada mais fez ao povo, além do Plano Real. O governo FHC, como marca do presente, é vista muito mais pela ausência de futuro em *uma terra tropical que em 500 anos de progresso não avistou ainda a justiça social*.

O final da letra e do desfile é marcado pela esperança e o sonho de cidadania, que viria não pelo governo, e sim, pelo seu povo como Chico Mendes, Betinho e a citação de Ayrton Senna, onde sua morte gerou um trauma na geração da década de 90, em que seu espírito foi estereotipado como o do brasileiro nato, assim como no cinema com os filmes de projeção internacional como *O que é isso companheiro* e

Central do Brasil.

Mas era o povão que a escola acreditava na mudança de esperança que

Brilha em cada olhar de criança, em cada rosto marcado pelo trabalho duro, em cada cara suada, de cada sem terra, mora a esperança de quem um dia florescerá um novo tempo, se descortinará um novo momento de um novo Brasil. E teremos alegria e felicidade e teremos enfim um país de verdade” (TAVARES, 2000, s/p).

Desta forma por isso mesmo a escolha de tais obras pelo seu caráter complementar dentro da linha temporal histórica, de serem complementares dentro de suas letras, mas acima de tudo, de serem documentos poderosos a serem utilizados dentro de sala aula, em que o tom de deboche, jocoso, de alteração da realidade que eles provocam evidencia a luta dessas comunidades e do povo brasileiro contras as arbitrariedades de ontem e de hoje. Que ensinemos com esses sambas, e outras obras, nossos alunos se tornarem Jurunas em busca da esperança de novos tempos.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Rubim Santos L. de; DIAS, Luis Sergio. O samba enredo visita a história do Brasil. O samba enredo e os movimentos sociais. Rio de Janeiro: Ed. Ciência Moderna, 2009.

BURKE, Peter. Unidade e variedade na história cultural. In: Variedades de história cultural. 3. ed. Trad. Alda Porto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FGV – CPDOC. Mario Juruna. Disponível em <http://www.fgv.br/CPDOC/BUSCA/dicionarios/verbete-biografico/juruna-mario>.

FOLHA DE SÃO PAULO. O público vai sair ganhando, na passarela e na TV. Jornal Folha de S. Paulo, Edição 1º, p. 29, fevereiro, 1985.

_____. RETROSPECTIVA: Após três anos, Santander compra Banespa. Folha Online, 26/12/2000. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u12345.shtml>.

_____. RETROSPECTIVA: Nicolau passa o ano fugindo. Folha Online, 26/12/2000. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u12965.shtml>.

_____. RETROSPECTIVA: PT cresce e avança nas capitais. Folha Online, 26/12/2000. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u12967.shtml>.

FOUCAULT, Michel. A descrição arqueológica. In: A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

MATTA, Roberto da. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MORAES, José Geraldo Vinci de. As sonoridades paulistanas: a música popular na cidade de São Paulo – final do século XIX ao início do século XX. Rio de Janeiro: Funarte, 1995.

NAISSER, José Pedro. O cacique Juruna no Jo Soares, durante a ECO 92. YouTube. 18 de março de 2017. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=c0Dz9rHPk9Q&t=609s>, acessado em 11/05/2019.

NEIVA, Alexandre. Literatura dá samba. Cadernos do CNLF. Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, 2010, p. 2817 – 2824.

SEKEFF, Maria de Lourdes. Da música: seus usos e sentidos. São Paulo: Ed. Unesp, 2007.

TAVARES, Flavio. Sinopse do Enredo: Vai-Vai Brasil! 2000. Disponível em http://www.carnavalpaulistano.com.br/a_escola_carnaval_dados.asp?rg_carnaval=233.

TINHORÃO, José Ramos. Música e cultura popular: vários escritos sobre um tema comum. São Paulo: Editora 34, 2017.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ação Penal 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67
Amarração 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35
Análise de políticas públicas 187
Anarquismo 176, 177, 178, 182, 184, 185
Anarquista 176, 177, 178, 179, 181, 182, 185
Araguaia-Campo Sagrado 157

B

Branquitude 198, 199, 200, 201, 202, 206

C

Caricatura 217, 219, 220, 227
Caridade 110, 114, 115, 117, 118
Carnaval 1, 3, 4, 5, 6, 9
Ceará 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36
Colonização 19, 39, 80, 82, 83, 84, 93, 119, 124, 128, 133, 134, 136, 146, 199, 202, 215
Crise 112, 145, 176, 179, 181, 185, 213, 217
Crítica da Economia Política 13, 24
Cultura histórica 208, 210, 212

D

Democracia 9, 10, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 194, 211
Discurso Econômico 13, 14, 23, 24

E

Economia Política 13, 18, 21, 22, 23, 24
Educação 37, 43, 44, 45, 78, 79, 96, 102, 106, 108, 115, 119, 126, 136, 144, 145, 146, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 182, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 206, 211
Educação patrimonial 108, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156
Encantaria 80, 81, 82, 85, 86, 87, 88, 91, 93, 94
Ensino de História 1, 4, 43, 44, 106, 107, 215
Escola de samba 1, 3, 4, 5, 6

F

Filme 157, 159, 166, 169, 175

G

Golpe 176, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 211
Guerra do Paraguai 217, 219, 220, 227

Guerrilha do Araguaia 157, 158, 161, 164, 175

Guia básico de educação patrimonial 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155

H

História da Educação 187, 191, 195, 201

História do Brasil Colonial 119

História do Direito 58, 63, 64, 65, 67, 68

História do Processo Penal 58, 63

História local 95, 148, 156

Historiografia 4, 25, 28, 37, 62, 63, 112, 136, 137, 141, 144, 162, 179, 208, 212, 215, 217, 220

I

Identidade 3, 5, 6, 7, 25, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 42, 48, 49, 70, 72, 73, 78, 96, 97, 98, 104, 118, 175, 198, 199, 209, 210, 215

Ideologia 13, 14, 15, 17, 20, 23, 24, 27, 32, 113, 116, 117, 178, 199, 203, 216

Indígenas 3, 9, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 119, 120, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 183, 199, 202

J

Judith Butler 70, 71, 73, 75, 77, 78, 79

L

Legislação 60, 66, 133, 139, 141, 142, 187

Lulismo 187, 188, 189, 191, 194

M

Maranhão 25, 32, 34, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 93, 94, 119, 144, 145

Matéria Cavaleiresca Alemã 80

Memória 4, 36, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 85, 86, 96, 97, 98, 100, 102, 106, 108, 109, 149, 151, 152, 154, 156, 157, 158, 161, 162, 164, 167, 169, 172, 174, 175, 212, 214, 215, 220, 227

Michel Foucault 70, 71, 72, 74, 78

Missão 119, 120, 122, 123, 124, 125, 129, 131, 143, 144, 192

N

Negociações 38, 39, 58, 63, 64, 66, 67

O

Ordem de São Francisco (OFM) 119

P

Periódicos 28, 31, 65, 98, 180, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224

Pesquisa 25, 28, 37, 38, 43, 44, 45, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 63, 64, 65, 66, 72,

92, 95, 96, 98, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 148, 150, 158, 164, 174, 176, 178, 180, 184,
185, 187, 188, 192, 196, 198, 199, 201, 203, 204, 205, 208, 213, 217, 227

Piauí 25, 26, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36

Pobreza 110, 111, 113, 114, 116, 177, 189, 190

Política Educacional 187

R

Racismo 7, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 205, 206, 212

Regime militar 9, 10, 157, 158, 164, 174

S

Samba enredo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 11

Subjetividade 198, 200

T

Teoria Queer 70, 71, 72, 73, 75, 78, 79

Transição ao capitalismo 13

 **Atena**
Editora

2 0 2 0